

4.3.2 A etimologia para um mundo melhor

Miguel Dias Filho

Oficial do Ministério Público do Estado de Minas Gerais
Migueldiasmg@hotmail.com

Foi inaugurado, em março deste ano, o Museu da Língua Portuguesa, a Estação da Luz da Nossa Língua. Esse museu é a primeira instituição totalmente dedicada à língua de um país e está sediado em três andares do antigo prédio administrativo da Estação da Luz, na região central da cidade de São Paulo.

Por ser tão singular, são inúmeras as atrações como a Praça da Língua, que exhibe espetáculo audiovisual com sons e imagens da literatura brasileira; a Grande Galeria, com painéis e uma tela de 120 metros com dados lingüísticos; e uma compilação de 100 textos representativos de nossa literatura, elaborada pelo crítico e professor de literatura Alfredo Bosi. Há também espaço para exposições temporárias, a primeira delas, organizada pela diretora de teatro Bia Lessa, sobre os 50 anos da obra “Grande Sertão: Veredas”, do mineiro João Guimarães Rosa.

O museu conta ainda com um espaço lúdico que está fazendo grande sucesso entre os visitantes: é o Beco das Palavras. Trata-se de um jogo de etimologia, com radicais, prefixos e sufixos que se misturam no ar criando um jogo curioso. O que fascina no jogo é a possibilidade que temos de juntar os pedaços até formar uma palavra. Tudo se processa no ar, sem que haja a necessidade de o participante tocar a mesa. Quando uma palavra é formada, a mesa vira uma tela de projeção futurista que mostra filmes e animações sobre a origem e o significado da palavra formada. Brincando, todos vão aprendendo. O Beco das Palavras é uma criação de Marcelo Tas com o suporte do etimologista Mário Viaro.

A etimologia é um estudo que fascina por acrescentar-nos informações históricas da origem e evolução de uma palavra. O termo etimologia é constituído de duas palavras gregas, que significam “estudo do sentido verdadeiro”. No entanto, nesse ramo da língua, nem todos os etimologistas apontam caminhos dignos de crença. A busca pelo histórico das palavras, muitas vezes, encontra etimologias completamente falsas. É o caso do termo inglês “history”, condenado por alguns porque nele haveria o pronome masculino “his”, o que demonstraria a história apenas pelo ponto de vista dos homens. A origem verdadeira de “history” é “weid”, de raiz indo-européia, que indica “a visão, que serve ao conhecimento”. Dessa raiz, originaram-se também, por diferentes transformações fonéticas: idéia, ídolo, história, idílio, evidente, invejar, ver, prever, visitar etc. O dicionário Houaiss define *falsa etimologia* como “a etimologia construída em bases falsas, sem fundamento lingüístico, que parte da semelhança formal superficial entre duas palavras para fazer ilações sem comprovação científica [P.ex., relacionar etimologicamente o português *forró* à locução inglesa *for all*, 'para todos', referente a pretensos bailes (abertos a todos) dados pelos norte-americanos sediados no Nordeste brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial; a palavra é, na realidade, um derivado regressivo do português *forrobodó*, 'baile popular', 'confusão', com abonação de 1899.]”.

Assim como encontramos falsas origens, também nos deparamos com etimologias que foram sendo esquecidas na evolução da língua, sem, no entanto, perder sua veracidade. Felizmente, a maioria dos termos da língua está fundamentada em estudos etimológicos verdadeiros, origens e evoluções que ainda estão bem vivas e evidentes.

Podemos fazer a seguinte reflexão: “Teria a etimologia uma aplicação prática em nossas vidas?”. Entendo que sim. O mundo pode se tornar melhor, mais humano, se tivermos consciência do que estamos dizendo, do que estamos desejando ao nosso interlocutor. Conhecendo a etimologia de alguns termos do nosso dia-a-dia, veremos que existe um significado mais profundo, além do sentido quase vazio das palavras ditas automaticamente.

Por exemplo: “*Agradecer com 'obrigado' é assumir um compromisso!*”.

Uma professora do ensino básico, leitora de minha coluna num jornal do interior, após assistir à apresentação de um coral, disse que “ficou com a pulga atrás da orelha” ao ouvir a maetrina agradecer em nome de todas as meninas cantoras com um “*muito obrigadas!*”. O adjetivo “obrigado” flexionado em feminino plural feriu seus ouvidos e, provavelmente, de outros espectadores atentos.

O que nos surpreende não é apenas o que está errado, mas também aquilo que não estamos acostumados a ouvir. A expressão de cortesia “obrigado” varia conforme o sexo do sujeito da oração, pois é um adjetivo. Concorde com a(s) pessoa(s) que agradece(m). Um homem diz “*muito obrigado!*”; a mulher, “*muito obrigada!*”. O agradecimento no plural é usado de forma muito rara, mas é correto responder à pergunta “*Como vão seus familiares?*” com “*Vamos bem, obrigados!*”. Assim também foi perfeita a concordância da maetrina que agradeceu em nome do coral exclusivamente feminino com um “*muito obrigadas!*”.

Vamos um pouco além, aprofundar na etimologia e no sentido filosófico da expressão “obrigado”. Há quem pergunte “*por que obrigado? tenho obrigação de quê?*”. Pegando uma carona no texto de Luiz Jean Lauand, professor da USP, para a revista Língua Portuguesa, editora Segmento, encontramos uma explicação de São Tomás de Aquino, em sua obra *Suma Teológica*. Tomás ensina, em seu Tratado da Gratidão, que a gratidão se compõe em diversos graus. *O primeiro consiste em reconhecer o benefício recebido, obter uma graça, aceitar um favor. O segundo consiste em louvar e em dar graças àquele que nos deu algo gratuito, em troca de nada. O terceiro grau é a retribuição, de acordo com suas possibilidades, segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar.*

Assim, cada língua expressa a gratidão em graus diferentes. O inglês “*to thank*” e o alemão “*zu danken*” tomam a gratidão na primeira dimensão, ou seja, o reconhecimento da graça. A forma latina “*gracias*” presente no italiano e no espanhol pode ser considerada uma segunda dimensão, dar graças. “*Já a formulação portuguesa, tão encantadora e singular, é a única a situar-se, claramente, no nível 3, o mais profundo da gratidão: o do vínculo (ob-ligatus), o do dever de retribuir.*”, afirma Lauand.

O agradecimento está, intimamente, ligado a quem pensa, pondera, reconhece o benfeitor. E ao aceitar uma dívida impagável, o homem agradecido sente-se embaraçado, porque sabe que, por mais que faça, tudo será insuficiente. Assim, é preciso humildade para aceitar um favor imerecido, pois fica o dever de retribuir, acompanhado à consciência de que será impossível cumprir. Então, quem não quiser se comprometer, que use o inócuo “*Falou!*”; ou, ainda, uma forma mais superficial de

reconhecimento: o “*Valeu!*”, que corresponde ao primeiro grau da escala de gratidão de São Tomás de Aquino.

Se o(a) leitor(a) chegou até o final deste texto, devo-lhe um “*muito obrigado*”. Sinto-me na obrigação de lhe retribuir a atenção. Após essa leitura, há um vínculo maior entre nós. O *obligatus*, o dever de retribuir, torna o mundo mais humano, pois enriquece tanto aquele que doa como o que recebe.

Para finalizar, recomendo-lhes uma visita ao Museu da

Língua Portuguesa, na praça da Luz, nº. 01, Luz, São Paulo, de terça a domingo, no horário das 10h às 18h, com entrada permitida de visitantes até às 17h. Adultos pagam R\$ 4,00, enquanto estudantes da rede pública pagam meia, R\$ 2,00, e a entrada é gratuita para crianças até 10 anos e pessoas acima de 60 anos.

Para uma visita virtual ao museu, acesse o portal da língua usada por quase 200 milhões de usuários: www.estacaodaluz.org.br.